

Penélope e o uso da *métis*. O subterfúgio da rainha micênica

Cely Nathany Evangelista – PUC-Rio*

RESUMO

As mulheres na Grécia antiga utilizavam as atividades exclusivamente do universo feminino para subverter a imposição masculina. Neste contexto, a rainha micênica Penélope de Homero utilizou-se de seus afazeres e de sua *métis* para subverter algumas convenções vigentes, como a de contrair um novo matrimônio. No poema Odisseia, Penélope se destaca como um dos personagens principais por estar em meio a uma crise. Enquanto seu marido Odisseu não retorna da Guerra de Tróia, e se defronta com inúmeras aventuras em seu caminho de volta, ela precisa escolher um dos 108 pretendentes instalados em seu palácio, em Ítaca, para esposá-la. Apesar de subverter às convenções de sua época, a rainha micênica assume um caráter heroico na epopeia, por manter-se fiel e proteger a honra de seu marido e de seu *oikós*.

Palavras-Chave: Homero; Odisseia; mulheres na Grécia Antiga; Grécia Micênica.

ABSTRACT

Women in ancient Greece used the activities exclusively of the female universe to subvert male imposition. According to these circumstances, the Mycenaean queen Penelope of Homer used her duties and her *metis* to subvert some current conventions, such as contracting a new marriage. In the poem Odyssey, Penelope set off against as one of the main characters for being in the midst of a crisis. While her husband Odysseus does not return from the Trojan War and is faced with countless adventures on her way back, she must choose one of the 108 suitors installed at her palace in Ithaca to wed her. Despite subverting the conventions of her time, the Mycenaean queen assumes a heroic character in the epic, for remaining faithful and protecting the honor of her husband and her *oikos*.

* Graduada em História pela Universidade Estácio de Sá. Especialização em História do Brasil Contemporâneo pela Universidade Estácio de Sá e em História Antiga e Medieval pela UERJ. Pós-Graduada em História da Arte e Arquitetura pela PUC-RIO.

Keywords: Homer; Odyssey; women in Ancient Greece; Mycenaean Greece.

A Odisseia pode ser tomada como meio para entendermos o *modus vivendis* na formação do espaço grego durante a Idade do Ferro. O poema revela uma Grécia que passou por importantes transformações, testemunhando o contexto que sucedeu ao declínio da era micênica. No século VIII a.C., período em que datam os registros homéricos, a Grécia se recuperava da destruição do mundo micênico, que durante séculos gerou uma drástica redução nas atividades urbanas/comerciais, decréscimo demográfico e retração das populações para o campo. Comumente designado de Período Homérico ou Idade das Trevas, a escrita, vinculada principalmente às atividades comerciais e palacianas, praticamente “desapareceu”. Sendo assim, os relatos de Homero são de intensa importância para entendermos a sociedade helênica e sua formação nesse momento intermediário entre o universo micênico e o renascimento urbano do período arcaico, pois o aedo irá cantar o contexto histórico no qual os estudiosos carecem de registros materiais, sobretudo escritos, para recriá-la. A historiografia atual substituiu o uso da terminologia Idade das Trevas – na tradição anglo-saxônica *Dark Ages* e francesa *Siècles Obscurs* – por Idade do Ferro.

Odisseia não é o retrato fiel do homem grego ao longo de toda a antiguidade helênica. Além disso, para Malkin (2005, p.65) a nossa visão do homem grego ainda é extremamente influenciada pelo momento histórico que vivemos. O espaço em que o poema emerge é bem mais complexo, pois traz também o mundo estrangeiro como tema ao tratar das aventuras de Odisseu em seu retorno da Guerra de Tróia, o que o leva a terras desconhecidas, pelas quais percorre em sua prolongada jornada. Paralelamente a essa narrativa que descreve o périplo do herói, desvela-se uma outra não menos importante, em que Penélope, esposa de Odisseu, se vê em grande dificuldade, tendo que driblar os diversos

pretendentes que queriam esposá-la. Com a esperança de que seu amado marido regressasse à Ítaca, ou seja, na recusa em ter outro cônjuge, Penélope tece a mortalha de seu sogro, prometendo escolher um pretendente assim que a terminasse. Tal canto homérico, como nos mitos heróicos gregos antigos, é uma obra em que o mundo dos deuses se encontra totalmente conectado ao mundo terreno, e, nessa narrativa em particular, Athena é a protagonista do mundo olímpico, ao tornar-se protetora de Odisseu, ajudando-o em seu regresso ao reino de Ítaca, ao seu *oikós*.

Penélope é uma rainha bem nascida da realeza palaciana de Micenas, sendo referendada como virtuosa, fiel e sábia. Para Pierre Brulé, (2001,p.89) a protagonista é vista como o próprio *oikós*. Sua atitude de deixar os pretendentes a cortejarem, sem, no entanto, fazer uma escolha, pode ser traduzida como uma ação que enfraqueceria a verve guerreira dos mesmos, evitando, desta forma, que se tornassem grandes guerreiros, e, com isso, deixando-os despreparados para quando Odisseu voltasse.

O poema traz o contexto da figura da mulher dentro de uma sociedade patriarcal. Portanto, a rainha micênica só tinha duas alternativas: retornar à casa de seu pai ou ficar em Ítaca. Ambas a levariam a um único destino: contrair um novo casamento. Este perfil confronta-se com a Penélope desenhada por Homero que sendo um exemplo de fidelidade, dedicação, beleza, preocupação para com seu esposo, num ambiente de incerteza em relação ao destino de seu amado, torna inadmissível a hipótese de contrair um novo matrimônio (Bollack, 2001). Assim sendo, Penélope utiliza-se da sua *métis* para idealização de um plano, que tem por finalidade esgueirar-se e subverter à imposição dos costumes da época. Para Vernant (1996, p.130), a *métis* – “um jogo de práticas sociais e intelectuais” – irá se misturar ao faro, à sagacidade, à previsão, à sutileza de espírito, ao fingimento, ao desembaraço, à atenção vigilante, ao senso de oportunidade, resultando na supremacia sobre os valores socioculturais vigentes da época. A rainha junto à sua *métis* e junto à tecelagem transfere para si a escolha de um novo cônjuge,

que só se concretizará quando acabar de tecer a mortalha. Portanto, as ações de Penélope em Odisseia de Homero podem ser entendidas como atitudes transgressoras que contradizem uma ordem vigente (uma ordem palaciana).

As atribuições femininas dentro desse modelo de sociedade são geralmente associada ao gerenciamento do patrimônio, o *oikós*, ao confeccionar as vestes e à preparação de alimentos, segundo Lessa (2004, p.34). Pelas palavras de Damasceno (2001, p.364) Penélope inicialmente tece com palavras a teia do engano, esperando a volta de Odisseu. Quando fica difícil dominá-lo, pelos anos que vão passando, ela passa a tecer, no sentido do próprio termo, conferindo a si o direito e o poder de manter intacto o fio da vida e ao mesmo tempo administrando a vida daqueles pretendentes que ali estão. Para a obra *História dos Animais* de Aristóteles, a imagem da mulher tecelã é, portanto, entrelaçada com a imagem da aranha tecendo seu destino. Nos estudos de Pomeroy (1999, p. 120), a educação feminina era iniciada na infância pela mãe e amas, que moldavam as meninas para serem esposas fiéis e ideais, e, posteriormente, transferida ao marido. Para Blundell (1998, p.60), a maior responsabilidade de um chefe de família era continuar a oferecer à sua esposa uma educação cuidadosa.

Para Platão, no *Livro V d' A República*, a tecelagem e a culinária eram afazeres de grande destaque no mundo feminino, qualidades que só as mulheres poderiam deter. A arte de tecer também era valorizada pelo universo masculino, que a traduzia como o reflexo de um feminino ativo, onde as mulheres se dedicavam ao seu *oikós* e à sua família, anulando, portanto, a possibilidade de se ver a mulher como um personagem recluso no gineceu. Fabio Lessa (2004, p.18) expressa que a mulher da Grécia antiga vai usar a tática da tecelagem para subverter a dominação masculina, sem os rejeitar diretamente e criando alternativas para a relação de força. Como a tecelã no caso é Penélope, rainha de Ítaca, o grau de importância do ato de tecer se eleva. A tecelagem era um meio de convívio e comunicação particularmente femininos. O ambiente de tecelagem do *oikós* poderia ter a participação das mulheres da casa,

das vizinhas, escravas e amigas, onde se geravam laços de cooperação e a possibilidade de trocarem informações e consolidarem um grupo como *philia*. Penélope é vista como a abelha da sátira de Semônides de Amorgos. A mulher abelha se casava bem jovem, permanecia sua vida praticamente toda em silêncio no interior de sua casa, regendo os bens do *oikós*, educando seus filhos, e especializando-se em fiar, tecer e bordar. Segunda Mossé (1990), sobre as mulheres bem-nascidas, recaía também o controle de assegurar a legitimidade da descendência do *oikós*. Por isso, a preocupação de Penélope em vigiar os pretendentes que estavam sob o seu domínio patrimonial, comendo, bebendo e usufruindo de suas escravas.

Se as diferenças entre homens e mulheres são culturais, e não naturais, os atributos relacionados ao “homem” e à “mulher” são meras convenções sociais, definidas e organizadas de forma diversa a partir de diferentes contextos. Cabe aos historiadores, e outras naturezas de estudiosos, revelarem o que está implícito no desenrolar da dinâmica cotidiana de uma dada sociedade e época, que são as regras ou convenções para os diferentes gêneros, faixas etárias ou grupos sociais. Burke (1995) nos atenta para o fato de que a língua comum, dominada pelo masculino, não só expressa a posição de subordinação das mulheres, mas também as mantém nesse lugar. Portanto, sem argumento no universo da linguagem falada / escrita Penélope utilizara a tecelagem, uma expressão particularmente feminina para vencer o silêncio. Por meio dessa tática, a rainha conseguiu transgredir ao modelo idealizado pela ordem social micênica, dentro dos limites de aceitação engendrados na mesma sociedade, alcançando assim um espaço de ação dentro das fronteiras impostas pelo mundo dos costumes. Neste sentido, compartilhamos a reflexão de Certeau quando afirma que o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião (Certeau, 1999, p.47).

Para Certeau (1994, p.39), a mulher na Grécia antiga vai utilizar ferramentas do universo feminino para subverter uma dominação

masculina, sem, no entanto, rejeitar diretamente a ordem patriarcal que é lhe imposta. Desta forma, conseguem subterfúgios para modificar regras a elas impostas, das quais não poderiam fugir. A visão de tática como forma de infringir o esquema social, como arte do fraco, era a única saída para as mulheres desse contexto histórico. Dessa forma, a invenção do cotidiano, desloca a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos (Certau, 1999, 13).

O aspecto fascinante da abordagem homérica, que aqui brevemente apresentamos, é a transgressão dessa ordem por uma mulher que, enquanto rainha, deveria ser o paradigma de comportamento em seu meio, e que o faz dentro dos limites de atuação que contraditoriamente são legitimados socialmente (a tecelagem), sem que lance mão de táticas ardilosas e condenáveis para iludir seus pretendentes. A *métis* de Penélope não pode ser ignorada. Ou seja, imersa no universo patriarcal em que as mulheres não possuíam “voz”, a rainha teve que lançar mão de uma tática vinculada às atribuições permitidas ao mundo feminino. Ao atrelar *métis* à ação de tecer, a rainha foi capaz de arquitetar um plano que mudaria a ordem da sociedade patriarcal, na qual ela estava inserida.

Segundo Viera (2008, p.2), “os animais, e não somente os homens, possuem uma *métis*, que lhes permite desvencilhar de uma armadilha, perceber que estão sendo perseguidos, enganar seu algoz e sair ileso, livre, enfim, vitorioso. E, dentre estes animais, estão os marinhos”. Para Burkert, (1993, p. 282), a *métis* pode ser incorporada no ato da sabedoria particular, incluindo desvios e truques. O conjunto semântico no valor da *métis* manteve-se estável por séculos na história, sua essência não mudou. Na proposta de Pucci, (1986), a *métis* dos deuses será diferente da *métis* dos homens. A *métis* dos deuses está associada nos poderes divinos, como podemos observar na passagem do documento textual, onde Athena utiliza de seus poderes divinais para enganar Odisseu, encobrendo Ítaca para que Odisseu não reconhecesse sua *oikós*. No âmbito da *métis* vinculado aos homens e heróis, podemos

observar a *métis* de Odisseu, tentando enganar a deusa Athena, tentando demonstrar um homem vindo da cidade de Creta. *Métis* está relacionada a vencer, a ser superior, deter uma inteligência acima dos demais.

Para Detienne e Vernant (2008, p.17), a *métis* está designada aos vários planos e diversidades múltiplas, habilidades úteis à vida. Para os autores, a *métis* poderá ter conotações distintas ao seu êxito. Terá dois caminhos, um o resultado será através da fraude, do engano, não respeitando a regra do jogo, porém outra forma de observar o jogo da *métis* será a capacidade do mais fraco em surpreender o opositor forte em algum momento que ele esteve fragilizado. Homero utiliza em suas epopeias as várias facetas da *métis*, em seus heróis e também nos deuses. O conceito é vasto e ela pode ser definida como “uma potência de astúcia e engano” seu possuidor vencerá sem o uso da força. (Detienne, 2008, p.29).

Para finalizar, analisaremos, além do poema, a bela imagem impressa em um *skyphos*¹. Segundo Lessa (2004, p.23), a iconografia em cerâmica funcionava como um eficiente veículo transmissor de mensagens, pois não havendo fronteira para a difusão das imagens, elas podiam alcançar todas as camadas sociais. De acordo com Lissarrague (1987), as imagens foram mais divulgadas do que as documentações escritas. Somado a essas considerações, Vernant (2001, p.146) afirma que a obra não é feita para uma contemplação solitária, nem para o homem em geral. Precisa de um público que a entenda. Dirige-se para esse público; apoia-se sobre ele ao mesmo tempo em que o conquista e o transforma.

A imagem da *skyphos* ilustra a narrativa mítica, apresentando uma cena ambientada no gineceu. Penélope veste um *chiton* e um *himation* de cores claras, vestimentas que revelam seu pertencimento à aristocracia micênica. A rainha está sentada em uma cadeira baixa. A sua frente encontra-se Telêmaco, seu filho, usando também uma vestimenta tipicamente da aristocracia, um *himatio*. Telêmaco está segurando um cajado que simboliza poder e autoridade dentro do *oikós*

¹ Taça de vinho funda, com duas alças.

(ROBERTSON e BERD, 1993, p.26). A expressão do rosto de Telêmaco indica insatisfação ao comportamento da mãe ao nunca terminar o tear, sua expressão facial é de irritação com a situação. Representa, desta forma, a insatisfação do patriarcado. Ao fundo da cena podemos observar um tear, que é usado por Penélope em seu plano que envolve a tecelagem, para não contrair outro matrimônio. O tear demonstra que a cena se desenrola no gineceu, o que, segundo Brock (1994, p.338) reitera que a arte do tecer era realizada no interior do ambiente doméstico.



Figura 1: *Skyphos* de figuras vermelhas, utilizado para armazenar e misturar líquidos provenientes de Atenas, datado de 450-400 a.C.

<https://sententiaeantiquae.com/2016/10/11/the-design-of-penelopes-web/>

Penélope proporciona uma nova maneira de *métis* se manifestar, por meio da arte de tecer, tornando o ato cotidiano e banal da atividade em uma grandiosa estratégia de resistência, igualada, ainda que em suas devidas proporções, ao feito genial de Odisseu frente aos troianos. Não é à toa, que o canto de Homero descreve os dois périplos com a mesma intensidade e importância.

Bibliografia

BRULÉ, Pierre. **Las femmes grecques à l'époque classique**. Paris: Hachette littératures, 2001.

CANDIDO, Maria Regina. **Mulheres na Antiguidade**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012.

DETIENNE, M. & VERNANT, J. P. **Métis - As astúcias da inteligência**. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Tradução de Frederico Lourenço.

LESSA, Fábio de Souza. “Expressões do feminino e a arte de tecer tramas na Atenas clássica”. In: **Humanitas**. Vol. 63, 143-156. Coimbra: Faculdade de Letras, 2011.
https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas63/07_Lessa.pdf. Acessado: 11.04.2020.

LIMA, Kelly. “O espaço de Penélope: movimentação e permanência em a odisseia de Penélope, de Margaret Atwood”. In: **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**. Vol. 11. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Letras - UNESP/Assis.

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/632>.
Acessado em: 10.02.2020.

MOSSÉ, Claude. **La Mujer en la Grecia Clásica** Madri: ed. NEREA, 1990.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.